

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG

ANA ROSA BAUM BERLEZE

MARIA BEATRIZ REIS DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE A DISLEXIA: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO
EDUCATIVO**

CASCABEL

2020



CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG

ANA ROSA BAUM BERLEZE

MARIA BEATRIZ REIS DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE A DISLEXIA: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO
EDUCATIVO**

Trabalho apresentado no Curso de Pedagogia como requisito fundamental para a aquisição do título de licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG.

Professora Orientadora: Adriana Boeira

CASCADEL

2020

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG

ANA ROSA BAUM BERLEZE

MARIA BEATRIZ REIS DA SILVA

UM OLHAR SOBRE A DISLEXIA: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO EDUCATIVO

Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz, exigido como requisito parcial para obtenção do título de Graduação, sob orientação do(a) Prof. Especialista Adriana Boeira, tendo sido _____ com a nota _____, na data de 17/11/2020.

BANCA EXAMINADORA

Adriana da Silva Boeira

Centro Universitário Assis Gurgacz

Especialista

Jussara Chagas de Lima

Centro Universitário Assis Gurgacz

Especialista Psicopedagoga Clínica e Institucional

Silvana Rodrigues Krefta

Centro Universitário Assis Gurgacz

Especialista

Cascavel/PR 17 de novembro de 2020.



UM OLHAR SOBRE A DISLEXIA: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO EDUCATIVO

BERLEZE, Ana Rosa Baum¹
SILVA, Maria Beatriz Reis da²
BOEIRA, Adriana S.³

RESUMO

O pedagogo a cada ano se depara com diferentes desafios no processo de ensino aprendizagem, tendo a necessidade de buscar novos saberes para poder enfrentar com domínio científico sobre as dificuldades de aprendizagem do aluno disléxico, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem não ocorre apenas no espaço escolar, mas nos mais variados ambientes. Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo refletir sobre a educação do aluno disléxico para com a sua caminhada em sociedade e, principalmente, no seu desenvolvimento escolar, pois o uso e domínio da linguagem perdura em todos os ambientes, sejam escolares ou não, objetivando que todas as pessoas que estão diretamente ou indiretamente ligadas ao indivíduo, tenham um maior conhecimento sobre o assunto, por meio de uma pesquisa bibliográfica, procurando destacar a importância do desenvolvimento da criança disléxica em todas as áreas de sua vida, e ainda difundir a importância de agregar conhecimentos pelos profissionais que atuam pedagogicamente no processo de ensino, com base nos autores Cruz (2009); Pinto (2012); Zabala (1998); Ianhez e Nico (2002); Almeida (2009); leis federais e orientações da Organização Mundial da Saúde a respeito da dislexia.

PALAVRAS-CHAVE: Dislexia, Professor, Ambiente Escolar, Sociedade.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. anabaum90@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. maria.bia@live.com

³ Professora Orientadora do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. adrianasilva@fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O processo de educação envolvendo crianças com transtorno de aprendizagem é um tema muito debatido e que provoca bastante reflexão no âmbito escolar. Além de ser uma discussão de extrema relevância social, por se tratar de um problema que afeta um número considerável de crianças ao redor do mundo, é objeto de estudo fundamental para os profissionais envolvidos na área de educação, considerando que apesar da evolução das discussões acerca do assunto, ainda existe um grande número de profissionais que não está preparado para lidar com eles, dificultando o progresso na aprendizagem da criança.

Dentre os diversos transtornos de aprendizagem, tem-se a dislexia, que se trata de um transtorno que afeta a área da escrita, da leitura e também da soletração. Segundo dados da Associação Brasileira de Dislexia (ABD) entre os anos de 2013 a 2016, foi um dos transtornos mais encontrados nas salas de aula do mundo inteiro com uma expressiva incidência entre 05% e 17% na população mundial.

É um transtorno cognitivo/neurológico que difere dos demais problemas de aprendizagem, tanto os problemas comuns, quanto os problemas específicos como dislalia, discalculia, disgrafia, entre outros. Sendo assim, em vários casos, ela pode confundida com algum desses problemas, visto que apresenta sintomas semelhantes, sendo imprescindível esclarecer, que cada uma deles possui suas características e diferenças, que devem ser investigadas e tratadas em suas particularidades, para que essas crianças não sejam consideradas incapazes de aprender, e que o educador saiba exatamente o momento no qual se faz necessário uma avaliação mais criteriosa, podendo definir a necessidade de uma intervenção de profissionais capacitados para auxiliá-lo e guiá-lo, da melhor maneira possível, tudo em prol ao melhor desenvolvimento do aluno.

É essencial frisar que as intervenções inadequadas do educador podem levar o aluno com transtorno de aprendizagem a deter habilidades que o capacite a desenvolver outras áreas do conhecimento, daí a importância do papel do pedagogo em sala de aula.

A atuação do pedagogo em sala de aula se caracteriza pela diversidade e individualidade de cada aluno, estes que podem apresentar diferentes obstáculos no processo de alfabetização.

Quando se é trabalhado a linguagem em suas diferentes formas, sejam elas escrita, simbólica ou oral, o profissional da educação, ao ser o instrumento a proporcionar o primeiro contato com a variação linguística, deve ter um olhar atento e empático para cada criança, em

virtude de que as dificuldades de leitura e escrita irão se manifestar durante as aulas, sendo indispensável buscar uma investigação.

No momento em que se sugere a busca de outros profissionais, tanto da área pedagógica, quanto da área da saúde, para acompanhar e confirmar se a criança realmente é disléxica, o acompanhamento multidisciplinar vai verificar se o aluno se encaixa na definição da dislexia, esta que é classificada como um transtorno de aprendizagem, caracterizado pela dificuldade nos aspectos relacionados à linguagem, mesmo quando a palavra é classificada como de baixa complexidade, ou seja, o sujeito apresenta uma insuficiência no processo fonológico.

Independentemente de sua idade cognitiva estar correta com o desenvolvimento intelectual, o indivíduo perdura com obstáculo em seu processo de aprendizagem. Contudo independente dos estímulos e instruções corretas, bem como o círculo familiar e social que se encontra, independe da ausência de quaisquer outros transtornos cognitivos e sensoriais, a criança não consegue atingir a compreensão do uso da linguagem, o que vai determinar problemas na leitura, aquisição e capacidade em diferentes usos da linguagem, sendo escrita ou falada.

A dislexia é uma área em que os educadores não têm suporte, tanto em relação aos conhecimentos específicos das instituições escolares onde atuam, como também no decorrer de sua graduação, pois ainda é um assunto pouco abordado. Para que seja possível entender o melhor modo de se trabalhar e dar assistência a estes alunos é necessário que sejam apresentados mais estudos nesta área, com o propósito de dar aos profissionais subsídios necessários para que possam agir de forma eficiente diante desta realidade.

Esta pesquisa científica tem como objetivo apresentar a toda sociedade, sejam pais, professores e quaisquer profissionais que irão atuar diretamente com o aluno disléxico, todas as definições e identificações da dislexia, bem como esclarecer como o diagnóstico deve ser realizado, tal como a aplicação de metodologias, com o intuito de demonstrar como as ações dos professores podem evitar que o transtorno possa prejudicar o aprendizado, e como tudo isso pode colaborar com o processo de inclusão no âmbito educacional.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONHECENDO A DISLEXIA CONCEITOS BÁSICOS E DIAGNÓSTICO

Conforme a Classificação Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde (CID- 10), publicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), descreve-se a Dislexia como:

F81. 0 – Transtorno específico da leitura. A característica essencial é um comprometimento específico e significativo do desenvolvimento das habilidades da leitura, o qual não é unicamente justificado por idade mental, problemas de acuidade visual ou escolaridade inadequada [...] (OMS, 1993 p. 240).

A dislexia resulta da interação complexa entre fatores biológicos (genéticos), cognitivos e ambientais, tendo a linguagem e o processamento fonológico, relação direta com as competências da leitura e escrita (FRITH, 1999).

Após vários estudos, o neurologista americano Dr. Samuel T. Orton foi responsável pela primeira definição sobre a dislexia, assim foi homenageado, tendo seu nome representando a primeira instituição desenvolvida para pesquisas e estudos sobre a dislexia, a *Orton Dyslexia Society*, atualmente *International Dyslexia Association* (IDA).

Helmer Myklebust (1983), um pesquisador e criador de inúmeros materiais sobre as crianças americanas que apresentam dislexia, menciona que a dislexia é uma desordem de linguagem que impede a aquisição de sentido por intermédio das palavras escritas, por causa de uma deficiência na habilidade de simbolização. Pode ser endógena ou exógena, congênita ou adquirida. As limitações na linguagem escrita são demonstradas por uma discrepância entre a aquisição real e esperada. Estas limitações se originam de disfunções cerebrais manifestadas por disfunções na cognição; não são, portanto, atribuídas a impedimentos motores, sensoriais, intelectuais ou emocionais, tampouco a ensino inadequado ou falta de oportunidade.

A definição adotada pela *International Dyslexia Association* (IDA) em 2002, diz que a Dislexia do desenvolvimento é um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, qualificada por uma adversidade no reconhecimento acurado e fluente da palavra, sendo composta por um déficit fonológico, independentemente da idade e das habilidades cognitivas.

A dislexia se trata de uma dificuldade que ocorre no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia, ela não é classificada como uma doença, mas um transtorno caracterizado por uma série de particularidades.

A identificação deste transtorno normalmente acontece quando o sujeito se encontra no período da alfabetização, contudo os sinais desta dificuldade estão atrelados à característica do indivíduo em fases anteriores. Segundo a *Orton Dyslexia Society* (1925 *apud* INHAEZ e NICO 2002)

Apesar de instrução convencional adequada, inteligência, oportunidade sociocultural e ausência dos transtornos cognitivos fundamentais, a criança falha no processo da aquisição da linguagem. Independente de causas intelectuais emocionais e culturais, bem como hereditária, e a maior incidência é em meninos, na proporção de três para um (ou seja, a cada três meninos que nascem com dislexia, apenas uma menina nasce disléxica) (*Orton Dyslexia Society*, 1925 *apud* INHAEZ e NICO, 2002, p. 21).

De acordo com Ponçano (2007), o reconhecimento das características que constitui o termo já retrata a sua definição: DIS = transtorno, dificuldade; LEXIA = leitura (do latim) e/ou linguagem (do grego); DISLEXIA = transtorno de linguagem.

Historicamente, a palavra Dislexia ter sido traduzida do latim e do grego sendo um transtorno do processo da fala, a expressão foi empregada para designar um transtorno específico da leitura e da escrita, o termo não define a causa específica do sujeito ser disléxico, observando que existem inúmeras possibilidades e causas que podem interferir no progresso de êxito da linguagem, sendo assim, necessário um diagnóstico específico, e para que o mesmo seja realizado de maneira eficiente, por uma equipe de profissionais capacitados que irão desenvolver seu trabalho de maneira multidisciplinar, formada por psicólogo, neuropsicólogo, fonoaudiólogo e psicopedagogo.

Em casos específicos, é realizada a solicitação de um neurologista e/ou um otorrinolaringologista, pediatra entre outros, estes que irão trabalhar em conjunto para averiguação de demais causas que podem estar comprometendo o desenvolvimento da aprendizagem, desse modo, os profissionais envolvidos neste processo devem manter um diálogo de interação entre eles, com o foco no diagnóstico.

Conforme cita Ponçano (2007), existem alguns sinais mais comuns da dislexia: desempenho inconstante; atraso na aquisição da leitura e escrita; demora nas atividades relacionadas a leitura e escrita, porém não nas orais; dificuldade com os sons das palavras e com a soletração; escrita imprecisa, com junções, trocas, aglutinações de fonemas e omissões; dificuldade de associação do som ao símbolo; adversidade com rimas (sonoridades iguais ao fim das palavras) e aliteração (início das palavras com sonoridade iguais); divergência entre as

realizações acadêmicas, as habilidades linguísticas e a capacidade cognitiva; dificuldade com associações, como, dos rótulos com os produtos; embaraço com organização em sequência, como o alfabeto, ordem dos meses, tabuada, etc; dificuldade em nomear objetos, tarefas, entre outros; problema em se organizar temporal como hora, antes e depois, e também com direção esquerda e direita; embaraço em realizar tarefas que afetem a memória imediata como anotações, decorar números de telefones etc.; dificuldade com cálculos mentais; desconforto ao tomar notas e/ ou relutância para escrever; insistência no mesmo erro, mesmo contando com ajuda profissional.

A Classificação Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde (CID- 10) cita que as dificuldades do disléxico aparecerão no início da sua fase escolar, afetando a todos os campos que necessitam de um bom desempenho em leitura e escrita

[...] A habilidade de compreensão da leitura, o reconhecimento de palavras na leitura, a habilidade de leitura oral e o desempenho de tarefas que requerem leitura podem estar todos afetados. Dificuldades para soletrar estão frequentemente associadas a transtorno específico de leitura e muitas vezes permanecem na adolescência, mesmo depois que algum progresso na leitura tenha sido feito. Crianças com transtornos específicos de leitura, têm uma história de transtornos específicos do desenvolvimento da fala e da linguagem, e uma avaliação abrangente do funcionamento corrente da linguagem muitas vezes revela dificuldades contemporâneas sutis. Em adição à falha acadêmica, comparecimento escolar deficiente e problemas com ajustamento social são complicações assíduas, particularmente nos últimos anos do primário e do secundário. A condição é encontrada em todas as linguagens conhecidas, mas há incerteza se a sua frequência é afetada ou não pela natureza da linguagem e do manuscrito (Organização Mundial da Saúde, 1993, p.240).

Com o passar dos anos várias pesquisas e estudos foram realizados em torno do mundo, mas as conclusões por vezes não eram as mesmas, pois o objeto a ser estudado se trata de diferentes grupos de crianças, as quais possuem características e peculiaridades distintas e únicas, algumas apresentando dificuldades no processo da leitura, soletrando foneticamente todas as letras de uma palavra, e outras podem apresentar problemas de expressão e compreensão oral. Assim como são várias as classificações que têm sido propostas para a segmentação do grande grupo de disléxicos.

Inicialmente, é relevante diferenciar as dislexias adquiridas das dislexias evolutivas ou de desenvolvimento. Cruz (2009 *apud* Cancela 2014) discorre que, do ponto de vista educacional, a Dislexia adquirida normalmente ocorre em adultos em decorrência de uma lesão cerebral; já no grupo das Dislexias de desenvolvimento, as atribuições em relação a leitura e a escrita vem desde a infância. As pessoas que apresentam a dislexia têm uma inteligência normal, não apresentando alterações em outros aspectos relacionados ao cognitivo.

Conforme Oviedo (2002), a Dislexia evolutiva ou do desenvolvimento pode ser classificada diante das características observadas como:

Disfonética ou auditiva: que apresentam uma dificuldade na integração letra – som, o que revela erros de discriminação auditiva, elas têm problemas em ler palavras desconhecidas, fazendo confusão com vocabulários já identificados, os equívocos que mais acontecem são de caráter semântico, como “mulher” em vez de “senhora” (OVIEDO, 2002).

Diseidética ou visual: estas apresentam dificuldade em perceber globalmente as palavras, ou seja, não conseguem unir/reunir o conjunto de letras que uma palavra possui, mostrando uma leitura lenta, soletrando e citando as letras de forma individual, lendo foneticamente as palavras como se nunca as tivessem visto, os erros mais apresentados são inversões viso espaciais de letras/ sílabas/ palavras, como ler “em” ao invés de “me”, ou “bolo” ao invés de “lobo” (OVIEDO, 2002).

Mista ou aléxica: esta modalidade engloba ambas as tipologias citadas acima (disléticos disfonéticos e diseidéticos), apresentando problemas visuais e fonológicos, causando uma incapacidade quase total para a leitura (OVIEDO, 2002).

Segundo Shaywitz (2003 *apud* Cancela 2014), a dislexia é um transtorno da linguagem específico, que independe de quaisquer outros fatores, como o desenvolvimento intelectual do indivíduo. O raciocínio lógico, assimilação, compreensão e resolução de problemáticas, bem como o pensamento crítico diante de determinadas situações não são lesados pela dislexia, assim dizendo, é uma incompetência diante da assimilação e reconhecimento da linguagem escrita ou falada, advindas de origem neurobiológicas, não tendo nenhuma influência do mundo exterior, tão pouco é resultante do meio social e econômico onde o sujeito está, não resultando de quaisquer tipos de deficiência intelectual ou emocionais. Definida pela dificuldade na assimilação e compreensão da linguagem, por obstáculos ortográficos na palavra escrita ou falada, dificuldades estas que irão desencadear o resultado insuficiente na componente fonológica.

Diante todos os autores que estudam e vivenciam a dislexia como pesquisa, observa-se nos livros e artigos pesquisados que a componente fonológica faz parte do processo de compreensão e assimilação da linguagem, sendo a mais importante para a aprendizagem da leitura e da escrita, desse modo, a dislexia é uma insuficiência fonológica.

Os aspectos pedagógicos e sociais não interferem para que o aluno seja dislético, posto que o transtorno pode aparecer em pessoas com conhecimento científico de nível superior, que não tem nenhum tipo de problemática resultante do seu cotidiano, seja ele emocional ou social, bem como independe da realidade socioeconômica do sujeito.

2.2 PROCESSO DE INTERVENÇÃO E DE INCLUSÃO

É dever do estado e da família garantir a educação a todos os cidadãos, desta forma promovendo e incentivando o desenvolvimento do sujeito, amparado perante a Constituição Federal de 1988 em seu Art. 205, o qual afirma que: “ A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

As pessoas com dificuldades de aprendizagem, como a dislexia, não devem sofrer nenhum tipo de exclusão, tão pouco segregação na área do aprendizado, pois o mesmo deve ser ofertado a toda a população, independente de quaisquer diferenças.

Segundo dados apresentados pela Revista Veja (2019), estima-se que 40% dos alunos nos anos iniciais apresentam dificuldades para aprender, sendo que desta porcentagem 4 a 6% apresentam transtornos ou distúrbios, os quais não recebem a devida atenção para seu desenvolvimento pedagógico, que no futuro próximo irá implicar em um aumento considerável da evasão escolar, o que revela a importância do diagnóstico precoce, para que deste modo a desistência destes alunos seja evitada.

Depois de diagnosticado o déficit de aprendizagem na linguagem ou dislexia é necessário que haja uma proposta de intervenção. As intervenções que partem dos lares são de grande valia para lidar com as dificuldades de aprendizagem expressivas. É necessário ainda ter o discernimento sobre os diferentes sintomas e graus de dificuldades de acordo com a idade do aprendiz. Outro ponto de extrema relevância para intervir nessas dificuldades dentro das escolas é adotar estratégias de avaliação que sejam funcionais, além de detectar possíveis falhas ou déficits, ela deve ter o papel de trazer um enfoque compreensivo, que promova superações (GARCIA, 1998).

Para Shaywitz (2004), deverá ser trabalhado em algum período do seu tempo com a criança, estimulando-a. Para desenvolver um programa de leitura é necessário que a pessoa identifique o grau de dificuldade, sendo o mais adequado a sua idade.

A criança com dislexia precisa de uma pessoa encorajadora, alguém que lhe dê apoio e o defenda inflexivelmente; que atue como um incentivador quando as coisas não estão indo bem; que seja seu amigo e confidente quando os outros fazem chacotas e o deixem envergonhado; um defensor que, por ações e comentários, expresse otimismo para o futuro (SHAYWITZ, 2004).

De acordo com Rotta e Pedroso (2006), o tratamento está centralizado na diminuição da linguagem ortográfica, envolvidos nas abordagens como um todo. Os profissionais da área de fonoaudiologia e/ou psicopedagogia, instruído para trabalhar com transtornos específicos, segue de um diagnóstico completo, de acordo com um planejamento em ordem cronológica.

Ter sensibilidade ao lidar com o sujeito com dislexia, também é fundamental, pois algumas crianças já vêm recebendo um tratamento errôneo dentro de suas próprias casas, por falta de esclarecimento dos pais, que a rechaçam, as fazem sentir inferiores e incapazes (ALVES, 2013).

O processo de educação é de continua dinâmica, e os profissionais devem estar em constante aperfeiçoamento para conseguir atender a demanda educacional, observando que o aprendizado só acontece quando existe a troca entre o professor e o aluno. Quando o professor não conhece seu aluno em suas características e singularidades, tão pouco conhecimento científico diante das dificuldades que podem estar presentes em uma única sala de aula, pode acarretar em uma rotulação negativa diante da criança disléxica, que faz com que o professor se encolha diante das dificuldades apresentadas, prejudicando o rendimento do aluno em sala de aula, o que irá afetar diferentes os seguimentos de sua vida, como emocional, psicológico e social.

Segundo Pinto (2012) a comunidade escolar deve trabalhar em conjunto objetivando o aprendizado do aluno, o professor em especial deve se atentar com o sucesso educativo do educando, proporcionando e desenvolvendo métodos para que o sucesso em relação à leitura seja atingido, independentemente dos meios utilizados pelos profissionais.

Segundo Zabala (1998)

As aprendizagens dependem das características singulares de cada um dos aprendizes; correspondem, em grande parte, às experiências que cada um viveu desde o nascimento; a forma como se aprende e o ritmo da aprendizagem varia segundo as capacidades, motivações e interesses de cada um dos meninos e meninas; enfim, a maneira e a forma como se produzem as aprendizagens são os resultados de processos que sempre são singulares e pessoais (ZABALA, 1998, p. 34).

É importante frisar a individualidade de cada educando, na dislexia as características das dificuldades de aprendizagem são variáveis de pessoa para pessoa, visto que cada indivíduo assimila o conteúdo pedagógico de maneira única. Frota e Alves (2000) afirmam que a aprendizagem é um sistema solitário, o professor deve estimular o bem querer do aluno para com o hábito de estudar, pois o conhecimento adquirido é um ato realizado segundo o ritmo e a vontade do aluno.

Partindo do pressuposto de que cada pessoa tem seu método de aprendizagem, como acima citado, na prática da sala de aula é observado uma falha grande em relação aos alunos, visto que a teoria amparada pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5º, o qual estabelece que todos são iguais perante a lei.

Contudo quando se diz respeito sobre as práticas exercidas em sala de aula, o docente deve valorizar a equidade, pois ela tem como significado o respeito as diferenças para exercer o seu senso de justiça, observando que cada criança é única e exige métodos únicos para seu desenvolvimento, pois o disléxico tem dificuldades de ler e escrever, mas em outras áreas do conhecimento como artes ou esportes, em que ele tem uma compensação, seu desempenho é muito bom, então se observa a importância da individualidade e da responsabilidade do educador para com o aluno disléxico e as atividades que serão desenvolvidas em sala de aula.

O desenvolvimento do aluno em relação as suas dificuldades apresentadas em sala de aula e a sua rotulação, não só advindo de professores que não são capacitados o suficiente para ajudá-los, mas também por seus colegas de turma e seus pais/responsáveis, afeta o psicológico emocional e social do aluno disléxico, o que gera senso de inferioridade em relação aos demais, e exerce o poder de paralisar o desenvolvimento do aluno, já que ele não acredita ser capaz de superar seus limites, momentos resultantes de situação a qual o disléxico é exposto em seu momento de maior fragilidade aos demais colegas, estes que por vezes praticam o *bullying* em sala de aula, principalmente no primeiro ciclo do ensino fundamental, em que é comum entre os alunos piadas de mal gosto direcionadas àqueles que estão atrasados em conteúdo, afetando-os de maneira negativa em suas relações sociais.

Diante das ideias de Lobo Antunes (2009 *apud* Pinto 2012), a inicialização da alfabetização pode afetar cada criança de maneiras distintas, visto que pela primeira vez elas estarão em ambientes que enfrentarão comparações, classificações e avaliações públicas, sendo preparadas para o futuro em sociedade e o mercado de trabalho. A grande maioria das crianças disléxicas apresentam uma grande insegurança ou uma cobrança demasiada em relação as suas atividades escolares, tendo que além da dificuldade com a leitura ter que lidar com a falta de motivação e de curiosidade.

O envolvimento dos profissionais da área da educação deve estar em harmonia com as ações praticadas pelos pais e responsáveis dessas crianças disléxicas. De acordo com a Cartilha de Dislexia e outros Transtornos desenvolvida pela Instituto ABCD (2015), os efeitos da positividade em relação as ações dos disléxicos, quando tratadas pelas pessoas de seu círculo familiar com a valorização do elogio, enaltecendo as suas potencialidades, sempre utilizando da relação de confiança que a criança tem com seus pais/responsáveis, bem como em situações

negativas as quais devem ser apontadas para a compreensão de seus atos e reflexão diante do negativo, demonstram que existe possibilidade de transformar o desfavorável em favorável.

2.3 DESAFIOS EM SALA DE AULA: MÉTODOS E ELEMENTOS FACILITADORES

É de fundamental importância que logo após o diagnóstico da dislexia seja traçado um planejamento referente a quais medidas deverão ser tomadas para o início do processo de ensino-aprendizagem do educando. A princípio, o que deve ficar claro para o professor, é que os alunos devem ser participantes ativos nessa metodologia, cabendo ao docente definir os objetivos, conteúdos e atividades individualizadas a partir das dificuldades individuais, durante todo o percurso.

O Decreto-Lei n.º 7.611/2011, publicado em dezessete de novembro, atribui que as instituições escolares são determinadas como espaço de ensino voltado para a população, sendo um serviço público, o qual deve receber todas as pessoas, independente de quaisquer segregação, seja ela as suas competências ou então aos seus conhecimentos, que lhe proporcionará explorar completamente as suas potencialidades, formando um sujeito social do futuro. Os profissionais da educação presentes na instituição escolar desde a equipe de coordenação até os professores devem buscar que as aprendizagens ocorram de maneira satisfatória (BRASIL, 2011).

O docente responsável por lecionar para um aluno disléxico encontra diferentes desafios durante todo o ano letivo, dentre eles ajudar o aluno disléxico a acompanhar o restante da turma, ter uma relação mais próxima ao estudante para executar um bom auxílio em suas atividades, já que as salas de aula se encontram superlotadas, as barreiras que o estudante disléxico exerce em relação a ajuda do professor, manter o bem-estar da criança mesmo com as dificuldades e diferenças aos demais.

A luta contra o insucesso escolar do discente é muito ampla, e cabe ao professor a maior carga, já que ele é o profissional da escola mais próximo do aluno. Neste caso é necessário que o professor não se reprima diante das barreiras que vão sendo geradas, ele deve buscar formação continuada, com cursos especializados e se tornar um melhor profissional.

Segundo Ponçano (2007):

É preciso não se encolher diante do desconhecido. O professor, hoje precisa enfrentar novos desafios buscando um outro olhar para o seu fazer profissional. A formação docente está intimamente ligada à aprendizagem dos alunos. À medida que o educador

se apropria de novos conhecimentos, melhores meios encontram para realizar um trabalho efetivo que promova a aprendizagem significativa (PONÇANO, 2007, p. 22).

Conforme Correia (1999), a inclusão no ambiente escolar deve ser observada e amparada pelas características individuais de cada criança, observada em seu todo, não se restringindo aos avanços na escola, mas em todos os aspectos sociais de sua vida. A causa da inclusão recorre, assim, para uma instituição escolar que observe a criança como um sujeito, não só a criança-aluno, e que, por consequência, atenda três níveis de desenvolvimento humano primordiais: acadêmico, socioemocional e pessoal, desta maneira, oferecendo uma educação adequada, embasada e direcionadas para que o educando atinja o máximo de sua evolução.

O aluno disléxico necessita de um ambiente que seja composto por uma equipe pedagógica suplementar da escola, para trabalhar as características específicas juntamente com o professor da sala de aula, e também ser acompanhado por profissionais da saúde, como neurologistas, fonoaudiólogos e psicólogos.

Na educação infantil normalmente é quando se identifica as características do disléxico, pois está relacionada a dificuldade específicas de aprendizagem, e o professor sendo o primeiro a ter conhecimento deve encaminhar os familiares para acompanhamento da criança junto a coordenação pedagógica, que irá encaminhar aos diversos profissionais que irão trabalhar de maneira multidisciplinar para o diagnóstico e tratamento, mesmo a família por vezes relutantes, é importante que seu acompanhamento por profissionais da educação e da saúde aconteçam de maneira contínua, pois o resultado irá implicar no desenvolvimento da criança.

Há, infelizmente, uma grande porcentagem de alunos com diagnóstico que não conseguem o tratamento adequado, estudantes que apresentam sinais de dislexia que esperam para ser diagnosticados, já que a estruturação do sistema público de atendimento é empobrecida e superlotada, o que faz com que muitos fiquem em filas de espera por anos, sem nenhum auxílio, e com o ano letivo correndo, o que ocasiona maiores dificuldades a cada ano que se passa.

Na atualidade os recursos e estruturas muitas vezes não conseguem atender os desafios da dislexia, o que deixa a encargo da própria instituição escolar e da equipe pedagógica a ajuda necessária para transformar a vida desses alunos, envolvendo a família e a comunidade para trabalhar em um único objetivo.

O profissional da educação que atua no dia a dia escolar deve ter conhecimento do que é a dislexia e quais ações devem ser desenvolvidas junto ao aluno disléxico, bem como ter conhecimento que esses educandos estão vulneráveis e com o psicológico e o emocional

prejudicados, então a importância de ao menos conhecer as características principais do transtorno e os profissionais que devem se envolver neste processo.

Nesse sentido, Fonseca e Cruz (2002 *apud* Pinto 2012) mencionam que o objetivo do trabalho do professor está na facilitação da aprendizagem, tornando-se essencial trabalhar a complicada tarefa de perceber e explicar o processo de aprendizagem, tal como a habilidade de usar técnicas para as tornarem eficientes, exigindo do professor um olhar único para cada criança, estas que têm características únicas e meios únicos para desenvolver o seu aprendizado.

Além dos familiares e das pessoas que convivem diariamente com o disléxico, o professor é um dos principais profissionais que pode agir de forma positiva no bem-estar da criança.

Existem diversas maneiras de se promover adaptações dentro da sala de aula para que o discente que apresenta dislexia se sinta mais confortável e para que promova uma melhor aprendizagem, como trazer textos e atividades mais curtos com letras ampliadas já impressas ao estudante; permitir que em certas atividades matemáticas seja utilizado calculadora; a ajuda de um colega que tenha compreendido o conteúdo já que a aproximação pode ser maior; orientar e sintetizar o conteúdo ensinado; conceder o uso de gravador na sala de aula, para que depois, o disléxico possa ouvir quantas vezes for necessário para anotar e entender o conteúdo; e trabalhar a sonorização das letras. Em harmonia com Almeida (2009) o professor precisa ser um estimulador e deve utilizar de métodos distintos para que o estudante possa ouvir, sentir, ver e manusear jogos, cartazes, instrumentos audiovisuais entre outros.

No que diz respeito a avaliação escolar, pode-se realizar avaliações orais além da escrita, reconhecendo o conteúdo em que o aluno disléxico aprendeu por meio da oralidade; oferecer um tempo extra para o que o indivíduo possa ler lentamente, para compreender o texto e o significado das palavras; elogiar seu esforço e seu trabalho, ao invés de reprimi-lo por seus erros; disponibilizar uma área tranquila para que o educando com dislexia faça suas avaliações não se dispersando com os barulhos ao seu redor (ALVES, 2013).

A apropriação de conhecimento pelo profissional de educação que atua com o aluno disléxico deve ser desenvolvida de forma habitual, para que saiba lidar com situações inesperadas, seja com o próprio aluno, familiares ou equipe multidisciplinar que estará trabalhando com o mesmo, possibilitando à criança novas formas de aprendizado, desenvolvendo no educando o prazer pelo aprendizado, o papel do professor na vida do aluno disléxico é essencial, pois ele será um instrumento de segurança, e auxílio mesmo diante das suas maiores dificuldades que são a leitura e a escrita, o qual vai possibilitar no sujeito do futuro, ser um integrante de uma sociedade de voz ativa.

Diante disso, nota-se que são inúmeras as metodologias as quais podem ser empregadas em sala de aula, o sucesso do aprendizado dependerá de um trabalho em equipe em que haja muito amor, dedicação e interesse.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos apresentados neste artigo, constata-se que a dislexia é um transtorno específico na aprendizagem da linguagem em geral, que interfere na interpretação, oralidade, produção textual, leitura e na escrita. Este transtorno envolve fatores genéticos, com ênfase nos circuitos neurais que abrangem o campo cerebral responsável pela aquisição e a aprimoramento da linguagem. É crucial deixar claro que a dislexia não está associada a baixa inteligência, mas sim, com a dificuldade de traduzir o pensamento para a linguagem escrita ou lida, um funcionamento diferenciado do cérebro no processamento da linguagem, provocando uma interrupção entre a habilidade de aprendizagem e o sucesso escolar.

Com base na análise dos acervos bibliográficos sobre os transtornos na aprendizagem, enfatizou-se a dislexia como um problema enfrentado em muitas salas de aula, além disso, observou-se como identificar esse transtorno e a sua interferência na aprendizagem do educando.

Ao longo deste estudo teórico pode-se perceber que na atuação do profissional de educação, que desempenha o papel de ensinar em sala de aula, há uma grande necessidade de ser melhor desenvolvido o hábito de buscar novos conhecimentos diante da dislexia, tendo em conta a capacidade e o potencial que essas crianças podem atingir, pois uma dificuldade no processo de desenvolvimento da linguagem não o classifica com uma capacidade reduzida em relação as demais crianças, basta saber conduzir as metodologias a serem aplicadas pedagogicamente para com a criança.

Como a Constituição Federal e as inúmeras leis que garantem e asseguram o direito à educação a todas as pessoas, sem nenhuma segregação ou exclusão por quaisquer motivos, sendo eles de natureza biológica ou não, portanto, pais, professores e toda a comunidade escolar devem atender e buscar métodos e meios para amparar as crianças disléxicas, jamais as expondo ao ridículo e sim incentivando seus pontos positivos, buscando formas adequadas para com as suas dificuldades em relação a prática escrita ou falada da linguagem.

É importante enfatizar que a criança que apresenta sinais do transtorno de aprendizagem específico da linguagem deve ser encaminhada a diferentes profissionais, tanto da saúde como fonoaudiólogos, psicólogos, neurologistas, entre outros, também psicopedagogos da área clínica e escolar, que estarão trabalhando em sintonia buscando um único objetivo que é proporcionar a criança o seu direito de aprender. Diante desse pressuposto, percebe-se que são

numerosas as contribuições destes profissionais no desenvolvimento, no que diz respeito a corpo e mente do aluno disléxico.

O profissional da educação deve buscar conhecer e compreender as características e diferenças do transtorno de dislexia, visto que na infância durante a alfabetização é quando se evidencia as dificuldades com o processo de leitura e o mundo da escrita, aprendizados nesta fase irão repercutir no sujeito do futuro.

Tendo em vista os aspectos observados, percebe-se a necessidade de futuras pesquisas como forma de aprofundamento das questões levantadas, voltando os olhares para novas discussões acerca do tema abordado, com o intuito de sempre colaborar com o processo de ensino-aprendizagem de nossos alunos. É imperioso destacar que uma intervenção bem-sucedida depende de uma avaliação criteriosa destes profissionais. Ao ser diagnosticado e receber os devidos tratamentos logo cedo, a criança consegue preencher suas dificuldades e prosseguir no processo de alfabetização, diminuindo assim os impactos emocionais e alterações comportamentais.

Nota-se que ainda há muito a ser discutido e desenvolvido acerca da dislexia, tanto no campo científico, como no auxílio psicológico a essas crianças. O caminho a ser percorrido pela escola em busca de um desenvolvimento metodológico também é longo, preocupar-se com a formação dos docentes envolvidos no processo na produção de recursos e materiais didáticos específicos faz-se primordial e torna-se uma garantia de que esses alunos poderão ser acolhidos, sendo de fato incluídos na escola.

A forma pela qual a escola deve se organizar em relação aos métodos e as maneiras de abordagens com esses alunos devem acontecer de forma adequada, mobilizando uma equipe de profissionais empenhados em quebrar todas as barreiras impostas pelo transtorno.

Com esse trabalho, além de colaborar com o desempenho pedagógico da criança dentro da sala de aula, a evolução romperá os portões da sala de aula, contribuindo para a formação de sujeitos confiantes, com autoestima elevada, dando a oportunidade para que eles se construam enquanto indivíduos e estejam prontos para enfrentar o mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Giselia Souza dos Santos de. **Dislexia: o grande desafio em sala de aula**. 2.ed. Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico. 2009.

ALVES, C. A. A dislexia e suas Implicações no Contexto Escolar: uma questão emergente para os educadores. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor**. Paraná: Secretaria de Educação. v.01. 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uepg_gestao_artigo_cleto_de_assis_alves.pdf. Acesso em: 23 set. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: D.O. 5 de outubro de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 24 de ago de 2020.

_____. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm#art11 Acesso em : 15 set 2020

CANCELA, Anabela Lajas. **As implicações da dislexia no processo de aprendizagem na perspectiva dos professores do 1º ciclo do ensino básico**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Fernando Pessoa. 2014.

CORREIA, Luís de Miranda. **Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares**. Porto Alegre: Porto Editora. 1999.

FROTA, Paulo Rômulo; ALVES, Vagner Camarini. **Conversando com quem ensina, mas pretende ensinar diferente**. Florianópolis: Metrópole, 2000.

FRITH, Uta. Paradoxes in the definition of dyslexia. **Dyslexia**. Londres, v. 5, n. 4, p.192-214, 1999.

GABRILLI, Mara; ROHDE, Catarina Wolf. Chegou a hora de mover a inclusão escolar para a frente. **Veja online**. 2019. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/saude/chegou-a-hora-de-mover-a-inclusao-escolar-para-frente/> > Acesso em : 24 de ago de 2020.

GARCIA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece**. 5. ed. São Paulo: Alegro, 2002.

IDA - International Dyslexia Association, 2002. Disponível em: <<https://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>> Acesso em: 05 de ago de 2020 .

INSTITUTO ABCD. **Conversando Com os pais sobre como lidar com Dislexia e outros transtornos específicos de aprendizagem.** 2015.

JOHNSON, Doris J.; MYKLEBUST, Helmer, R. **Distúrbios de aprendizagem: princípios e práticas educacionais.** São Paulo: Pioneira, 1983.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação internacional de doenças e problemas relacionados à saúde: CID-10.** São Paulo: Ed. USP, 1993.

OVIDO, Paula Outón. **Naturaleza de la dixelia.** Universidade de Santiago de Compostela. 2002.

PINTO, Célia Maria Rodrigues Gonçalves Ferreira. **O dia-a-dia da dislexia na sala de aula: Os conhecimentos dos professores do 1º ciclo sobre alunos disléxicos.** 2012. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Castelo Branco. Castelo Branco. 2012.

PONÇANO, Neuza Aparecida Gibim. **A dislexia como dificuldade de aprendizagem sob a ótica do professor: Um estudo de caso.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Oeste Paulista. Presidente Prudente. 2007.

ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S. **Transtorno da Linguagem Escrita-Dislexia.** In: ROTTA, N. T. et al. **Transtornos da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 151-162.

SHAYWITZ, S. **Entendendo a Dislexia:** um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 137-235.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa – como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.